

ÁGUA NA EXPERIÊNCIA DO POVO DO ANTIGO ISRAEL

Haroldo Reimer

Água é fundamental. Constitui a matriz da própria vida. Está na origem de nossa existência. Nossa casa comum, a Terra, é, na verdade, o planeta água. Nossos corpos humanos, formados do húmus desta terra, revelam uma profunda sintonia na sua constituição. Somos setenta por centos água! Vida humana não é possível sem água. Um decréscimo de mais de dez por cento da água no corpo humano leva ao limite da vida para a morte. *Água é, pois, tema de vida e morte.*

Água, apesar de seu uso ritual, por exemplo, no batismo, não tem sido um tema teológico ou bíblico-teológico relevante nas discussões. Era um tema ausente nos grandes manuais de teologia modernos. Para nós modernos, água começou, paulatinamente, a ser tema quando começou a tomar forma na consciência dos modernos a constatação de sua *finitude*. E isso é algo muito recente. A consciência moderna da finitude dos recursos naturais, sobretudo do petróleo, está celebrando poucas décadas de existência. Está relacionada com a publicação do relatório “Os limites do crescimento”, de 1972. A consciência da finitude dos recursos naturais fez e faz surgir toda a complexidade e a conflitividade da questão, também atinente ao tema “água”.

Uma das facetas da conscientização da questão “água” vem junto com um pacote multifacetário que é a *consciência ecológica*. Com a percepção da finitude possível dos recursos naturais, muitos seres humanos estão fazendo um “caminho mental”, um “ponto de mutação”¹ no sentido de realizar a compreensão profunda de que somos parte de um todo maior. Também vai se compreendendo que a vida nesta grande casa comum, a Terra, somente terá chances de um futuro duradouro e promissor dentro de uma perspectiva intergeracional. Há que se observar o direito das gerações futuras! Para isso torna-se necessário um urgente manejo *em sabedoria* destas questões vitais na atualidade. Mas também há que se observar o direito das gerações presentes. Para isso torna-se necessário um manejo destas questões sob o olhar da *justiça*. Porque o tema da água, para a vida ou para a morte, também está relacionado com a sua distribuição e com o seu domínio. Por isso, a questão da privatização da água como um recurso natural indispensável para a vida deve ser tema de discussão nos mais diferentes fóruns sociais e também religiosos.

No pacote destas discussões relacionadas ao tema de vida e morte que é o tema “água”, há todo um rebuscar das potencialidades e das riquezas das tradições culturais e religiosas sobre este tema. Verifica-se uma verdadeira “garimpagem” nas tradições de povos e culturas. Há uma sede e uma profunda necessidade de sabedoria para poder

1. Ver CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2000.

lidar com este tema de vida e morte. O presente artigo quer ser uma modesta colaboração nesta empreitada comum.

O presente texto se entende na parceria com muitas outras pessoas que já “pensaram” o tema; entende-se na comunhão com as pessoas que viveram a questão na sua experiência de vida. Sou devedor de muitas pessoas pelo acesso às suas reflexões sobre o tema; somente uma parte poderá ser explicitada neste texto.²

O artigo procura analisar o tema “água” na experiência do povo do antigo Israel.³ Procura-se justapor análise de alguns textos da Bíblia Hebraica e informações a partir da arqueologia na terra de Israel. Não há pretensão de análise exaustiva, mas somente a indicação de algumas facetas da experiência das gentes bíblicas com a água.

Terra é água

Historicamente, a vida e a cultura nas terras do crescente fértil⁴ estão relacionadas com a presença e a disponibilidade de águas. Água é o possibilitador da vida naquelas regiões. Fundamentalmente, os rios e os córregos, bem como as minas de água, é que possibilitavam o assentamento de grupamentos humanos em regiões diversas daquele contexto. Em condições geográficas em geral desérticas ou de semi-árido, água é o recurso natural primário que possibilita a sobrevivência humana e também animal.

Quando se fala do tema “água na Bíblia”, há que se ter presente que a “terra da Bíblia”, como palco da maior parte das narrativas das Sagradas Escrituras, sobretudo do Antigo Testamento, é uma pequena faixa de terra entre o Mar Mediterrâneo e o vale do Jordão.⁵ O clima dessa faixa de terra é subtropical, marcado por uma estação de chuvas e outra de seca. A primeira ocorre entre os meses de outubro a março, e a segunda, de abril a setembro. A falta de chuvas pode ocasionar situações de seca que levavam as pessoas a migrações forçadas (Gn 41,53–42,3; Rt 1,1). Nesta região, chuvas são uma bênção, sem a qual não se pode esperar a produção da roça. Isso é expresso por trechos do Salmo 65,10, numa metáfora à ação do Deus Javé:

Tu visitas a terra e a regas;
tu a enriqueces copiosamente;
os ribeiros de Deus são abundantes de água;
preparas o cereal, porque para isso a dispões,
regando-lhe os sulcos, aplainando as leivas.
Tu amoleces com chuviscos e lhe abençocas a produção.

2. Cabe destacar aqui o livro de BARROS, Marcelo, São Leopoldo/Goiás, Cebi/Rede, 2002 [2 ed. São Paulo/Goiás, Loyola/Rede, 2003]. Destaco também a obra de KURSCHNER-PELKMANN, Frank, *Wasser – Gabe Gottes, keine Ware* [Água – Dom de Deus e não mercadoria], Hamburgo, Evangelisches Missionswerk in Deutschland, 2002.

3. Na redação deste tópico tomo como inspiração algumas percepções já expressas em outro texto. Ver REIMER, Haroldo, “Terra e água na Experiência do antigo Israel”. *Fragmentos de Cultura*, v. 12, n. 1, Goiânia, 2002, p. 87-101.

4. Sobre a geografia e a história do Antigo Oriente Próximo, veja ECHEGARAY, Joaquín González, *O Crescente Fértil e a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

5. Sobre isso pode-se ver em OTTERMANN, Mônica, “As águas mansas de Siloé. Um mergulho ecofeminista em questões de vida e morte”, *Estudos Bíblicos*, n. 72, Petrópolis, 2002, p. 59-61.

Nas terras da Bíblia, o rio maior é o Rio Jordão. Este, porém, é pequeno se comparado a conhecidos rios brasileiros como o São Francisco, Araguaia, Tietê, Uruguai ou Paraná. Além do Rio Jordão há uma série de riachos e córregos, muitos dos quais secam nos meses de estiagem. O lago da Genesaré também ocupa papel importante no ecossistema da região da Galiléia.

Em vários lugares, há fontes ou minas de água que abastecem os assentamentos humanos localizados. Uma das fontes mais conhecidas é a fonte Gion, que abastece Jerusalém. Na cidade de Jericó há uma fonte milenar que abastece a cidade. Nesta terra dos antepassados da fé, água é um recurso valioso, com o qual há se lidar de forma sábia e cuidadosa. Água fresca é como uma boa notícia vinda de longe (Pr 25,25).

Na história do povo do antigo Israel, pois, a questão da água é um tema candente. Sua importância reflete-se nos textos da Bíblia que espelham a história da gente daqueles tempos. Aproximadamente 1.500 versículos bíblicos referem-se ao tema da água, incluindo aí os vários termos relacionados a este líquido. Fala-se de um modo muito diverso, mas a temática da água é fundamental. Muitas vezes, é questão de vida e de morte.

Águas contraditórias

O tema da água como elemento contraditório aparece sobretudo nas tradições registradas nos primeiros capítulos de nossa Bíblia, em Gn 1–11.⁶

A indicação em Gn 1,2 de que a *ruah* (espírito) de *Elohim* agitava as “faces das águas” (*tehom*) costuma ser entendida como indicação de que o Espírito divino junto com a água são a *matriz da vida*. A interpretação da passagem, contudo, é controvertida, podendo ser entendida também como uma referência à superação de um caos originado a partir de contextos de guerra e invasão estrangeira, nos períodos do Exílio e pós-Exílio.⁷ De qualquer forma, nestas primeiras linhas de nossa Bíblia estamos diante de memórias e tradições comuns no antigo Oriente, como também é expresso no mito mesopotâmico *Enuma elish*, no qual o deus Marduk é celebrado em luta contra a divindade das águas, Tiamat. Em tais tradições, o elemento água é entendido no contexto de uma cosmogonia, dentro de uma luta originária de divindades para gerar o cosmo. O que se expressa em Gn 1,2, dentro de uma linguagem mítica, reaparece em vários lugares da própria Bíblia; o suposto caos original deve ser constantemente dominado (Sl 74,13-17; 77,17-20; Sl 96,11; 98,7-8).⁸

6. Sobre as tradições e a teologia de Gn 1–11, ver SCHWANTES, Milton, *Projetos de esperança. Meditações sobre Gênesis 1–11*, São Paulo: Paulinas, 2002.

7. Ver RIBEIRO, Osvaldo Luiz, “Vento tempestuoso: um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1,2 à luz de Jr 4”, *Fragmentos de Cultura*, v. 12, n. 4, Goiânia, 2002, p. 573-598.

8. Ver GERSTENBERGER, Erhard S., “Wasser – Chaos und Leben”, *Junge Kirche* v. 63, n. 4, Hamburgo, 2002, p. 37-44.

Na segunda parte do relato da criação, em Gn 2, onde se fala da criação do ser humano (*humanus*) a partir do *humus* da terra, água é o elemento possibilitador da vida. Água de chuva ou orvalho torna possível a brotação e o crescimento de plantas na terra de trabalho e vida, mitologicamente chamado de Jardim Éden (Sl 65). Neste relato, estamos provavelmente diante de uma memória de gente palestinese, isto é, do contexto geográfico em que predominam regiões semi-áridas ou semidesérticas.

Diferente é em Gn 6–9, na história do dilúvio. Aqui estamos diante da memória histórica de outros contextos. Sabidamente, o texto de Gn 6–9 incorpora elementos de textos extrabíblicos da região cultural da Mesopotâmia. Lá, as cheias dos rios Tigre e Eufrates constituíam uma experiência no cotidiano das pessoas, estando talvez por trás de tais tradições religiosas. Dilúvio, pois, não é memória de experiência na terra de Israel, mas temos aí empréstimos da cultura mesopotâmica. No texto de Gn 6–9 transparecem elementos de uma cosmovisão comum no contexto do Antigo Oriente, em que o cosmo é constituído por águas. Trata-se das águas de cima e das águas de baixo. Todo o conjunto é manejado pela divindade, ou por seus representantes culturais, que podem abrir as comportas dos céus e provocar um dilúvio, entendido como uma experiência fundamentalmente caótica. Aliás, água em profusão pode constituir o caos e trazer até a morte na experiência do cotidiano, como bem o evidenciam as chuvas em profusão no Sudeste e, sobretudo, Nordeste brasileiros neste início de 2004.

No texto bíblico de Gn 6–9, contudo, o elemento caótico e ameaçador de água em profusão, constituída em dilúvio, é superado pela promessa divina de que tal experiência não mais se realizaria como vontade expressa de Deus. “Dilúvio nunca mais!” afirma-se em Gn 8,21. Doravante, água será elemento possibilitador de vida e de vivência em liberdade na terra da promessa.

Águas de salvação

Os textos bíblicos que mais claramente expressam essa dimensão de que água é elemento de vida são aqueles que tratam do tema da travessia das águas. O mais contundente destes textos é o de Ex 14, onde se relata uma travessia milagrosa pelas águas do mar, possibilitada pela mão forte e braço estendido de Javé, o Deus do povo hebreu. Os adversários deste povo em busca da terra da promessa são arrastados nas torrentes das águas enquanto o próprio povo é atravessado a pé enxuto. Além dos vários fragmentos de textos que recordam uma possível experiência histórica de uma travessia (Ex 20; Dt 5; 26), uma experiência similar também é relatada em Jz 5, no chamado “cântico de Débora”. Os oponentes desta gente organizada em tribos, figurado em um exército cananeu, são arrastados pelas torrentes repentinas do ribeiro Quison. Segundo o relato, foi justamente a intervenção da divindade Javé que provocou tal fenômeno natural, entendido como um evento salvífico. Assim, o povo, pela experiência das águas torrenciais, experimentou uma libertação.

Tanto no conjunto de tradições da criação-dilúvio quanto no conjunto de tradições que tratam da passagem pelas águas como elemento salvífico estamos diante de elaborações teológicas mais aprimoradas, em que experiências fundantes e tradições

diversas são interpretadas em prol de um esquema teológico que se pretende provedor de sentido para toda a vida do povo hebreu.

O cotidiano da experiência do povo hebreu com água se expressa de modo mais eloqüente em textos que falam da *luta pela água*. Isso pode-se encontrar sobretudo nos textos que falam da vida em contexto semidesértico.

Conflitos por água

Em vários textos do chamado “ciclo dos patriarcas” (Gn 12–50), encontramos narrativas que falam do acesso de grupos diversos aos poços e fontes de água. Várias situações narradas estão envoltas em relações de conflito.

Em Gn 13,1-13, a falta de água para todo o grupamento leva a uma separação entre Abraão e Lot. A cisão aqui é ecologicamente correta. Em Gn 21,22-34, os personagens Abraão e Abimelec são apresentados em uma disputa por um poço. Trata-se de uma fonte de água que acabou conhecida como “poço do juramento”, dando origem ao nome Berseba (Gn 21,31). O conflito pôde redundar numa celebração de paz. Aquilo que parecia ser uma apropriação privatizante por parte de Abimelec pôde ser resolvido por um acordo pacífico que salvaguarda as necessidades de quem historicamente está relacionado com tal fonte de água. O texto pode estar guardando uma memória antiga, dos “tempos patriarcais”, mas pode muito bem também servir numa perspectiva mítico-literária, para garantir determinados poços aos judeus que retornavam da Babilônia no período do pós-exílio.

Em textos de Gn 24–26, que tratam de ações de peregrinações relacionadas ao personagem Isaac, repetem-se histórias similares. Água é elemento de disputa com os dominantes da terra por onde passam ou onde entram estes peregrinos em longa ligação com a terra. O encontro amoroso entre Isaac e Rebeca desenrola-se junto a um poço (Gn 24). O texto que fala da peregrinação de Isaac na terra dos filisteus também tem o conflito pelo acesso à água como elemento condutor da narrativa. Vários poços são cavados, resultando, porém, sempre em conflito. A superação do conflito se dá com um novo poço cavado, denominado de “Seba”, numa clara referência à tradição comum sobre o poço de Bersabéia, o “poço do juramento”. Nestas histórias, poços e mananciais são fonte de vida na terra da promessa e na terra em processo de ocupação. A vida na terra torna-se possibilidade somente através do acesso à água. Assim, terra é água. Água tem a ver com a teimosia de viver e permanecer na terra.

Paradigmático nestas histórias deveria ser o fato de que os textos indicam para um *acesso comunitário às águas*. O direito fundamental de acesso à água não é negado a nenhum grupo. Nas situações de conflito, busca-se alternativas de *solução pacífica dos conflitos*.

Poços e cisternas

As gentes do antigo povo de Israel, cuja história aflora em muitos textos da Bíblia, têm uma outra contribuição muito importante a dar para nós. A vivência do deserto ou do

semi-árido necessita de uma lide toda especial com este recurso fontal. O refrão “captar a água, reter a água ...”, como se canta numa das músicas de Roberto Malvezzi com referência à campanha para instalação de cisternas no semi-árido brasileiro, poderia ser tomado como expressão de uma experiência popular já nos tempos bíblicos.

O Israel antigo tem uma rica experiência histórica na superação e prevenção da falta de água como falta de vida plena e como possibilidade de sobrevivência humana. Já para os séculos XIII e XII aC está testemunhada a técnica de construção de cisternas escavadas em pedras ou no solo, revestidas ou impermeabilizadas com betume ou cal para a retenção da água. Com isso, a tecnologia do betume é colocada a serviço da possibilidade de resistência e sobrevivência de grupos humanos e tribos em regiões montanhosas distante das minas de água e riachos, cuja ocorrência se dá em maior escala em regiões da planície palestinese. Construir uma cisterna é uma possibilidade frágil, embora eficaz de sobreviver às intempéries da seca, embora a retenção de águas por muito tempo pode torná-las impróprias para o consumo. Por isso, nestas terras e experiências bíblicas, o líquido cristalino mais precioso era a “água viva”, que brotava diretamente de fontes e minas d’água. A expressão “fonte da água viva” é utilizada em várias passagens como metáfora para o próprio Deus Javé (Sl 36,10; Jr 2,13).

Essa prática de esculpir ou construir cisternas indica uma questão importante sob o ponto de vista teológico. Supera-se aqui um tipo de pensamento em que a existência ou a falta de água necessária para a vida seja atribuída unicamente ao gênio de deuses ou ao capricho da natureza. Há nesse tipo de técnica um tipo de ruptura em relação ao pensamento mitologizante que afirmava e celebrava a existência ou a não-existência de água unicamente como vontade de algum Deus. Há uma certa tendência emancipatória neste tipo de prática preventiva. Usa-se a sabedoria humana para superar as crises, mas isso esbarra em resistências de ordem teológica.

Tal resistência pode-se perceber em alguns textos do livro do profeta Jeremias. Em Jr 2,13, por exemplo, pode-se ler: “Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial das águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas”. Aparentemente estamos aí diante de um problema de avaliação da autonomia do ser humano na condução de suas questões cotidianas. A construção de cisternas, próprias para a superação de tempos de crise sem a imediata participação da divindade, é tida, na ótica do texto de Jeremias, como um exemplo de abandono da fidelidade do povo em relação ao Deus Javé. A autonomia do ser humano é avaliada negativamente.

Os assentamentos humanos no antigo Israel em geral estavam localizados junto a alguma fonte de água. Isso vale tanto para vilas e pequenas cidades quanto para cidades maiores daquele tempo. Cabe aqui ressaltar que muitas localidades dos tempos bíblicos carregam o nome de *ein* ou *ayin*, que em hebraico significa “fonte de água”.⁹ Esse é caso de *Ein Harod* em Jz 7, *Ein Guedi* em (1Sm 24), *Ein Roguel* (1Rs 1,9). Isso significa que tais assentamentos tiveram sua origem junto à referida mina d’água.

9. BARROS, Marcelo, *O Espírito vem pelas águas*, São Leopoldo/Goiás, Cebi/Rede, 2002, p. 126.

Água é fundamental em tempos normais de paz, mas é tão mais importante em tempos de guerra. Ainda que se necessite expressar hoje uma posição contrária às guerras e a favor de soluções pacíficas pautadas no diálogo, naqueles tempos bíblicos fazer guerras parecia ser algo normal sob determinada ótica de poder (1Rs 20,26). As relações sociais muitas vezes estavam pautadas por conflitos, um dos quais é pela própria água. Assim, desde um ponto de vista grupal, tribal, ou nacional-cidadino, havia a necessidade de incluir as fontes próximas às cidades dentro de um sistema de defesa. Afinal, em situações de conflito, poderia ser extremamente perigoso, sobretudo para as moças e mulheres, deslocar-se para os poços e fontes a fim de abastecer a casa com este líquido precioso e vital. Para isso, já naquele tempo, colocava-se os conhecimentos de engenharia e logística a serviço da sobrevivência das pessoas em tais assentamentos. No caso das cidades israelitas, há que se considerar que eram, em geral, fortalezas, cidadelas militares, ocupadas, sobretudo, por gente da elite governante. Em tempos de guerra, porém, muita gente da população do campo se refugiava nas cidades ou em torno delas, como bem o atestam as pesquisas com relação à cidade de Laquis durante o cerco dos assírios no final do século VIII aC¹⁰, ou mesmo com relação ao abrigo de fugitivos do reino do norte em Jerusalém no durante a após a destruição de Samaria em 722 aC.¹¹

A fonte Gion, águas mansas de Siloé e o túnel de Ezequias

O exemplo mais marcante da incorporação da fonte d'água dentro do sistema da cidade é o da fonte Gion em Jerusalém.¹² Gion é uma fonte perene, que há milhares de anos abastece aquele lugar. O nome significa “aquela que jorra”, “a jorrante”. É uma fonte citada em muitas partes da Bíblia. Esta cidade de Jerusalém tem uma história antiga anterior à sua incorporação ao Reino de Israel através do rei Davi e seus mercenários no século X aC (2Sm 5). Além disso, a cidade era habitada e governada por jebuseus ou jebusitas, um grupo da chamada “população cananéia” autóctone da região.

Os jebuseus já haviam desenvolvido um sistema de canais e túneis para ter acesso à fonte a partir de dentro da cidade, na época restrita à colina sul-oriental, sem a necessidade de se expor à vista de eventuais inimigos.

Este sistema era composto por três partes: um primeiro túnel de escadas muito inclinado de 14 metros de comprimento, na sua continuação um segundo túnel liso horizontal de 29 metros, e no fim deste túnel, como terceiro elemento, um veio de cerca de 13 metros de profundidade que alcançou, sempre por dentro da rocha, as águas do Gion antes que estas jorrassem para fora. O acesso natural ex-

10. Ver USSISHKIN, David, “The destruction of Lachish by Sennacherib and the dating of the royal Judean Storage Jars”, *Tell Aviv*, n.4, Tel Aviv, 1977, p. 28-60.

11. OTTO, Eckardt, *Jerusalem – die Geschichte der Heiligen Stadt*. Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, 1980, p. 64-79.

12. Para uma descrição mais exaustiva, ver OTTERMANN, “As águas mansas de Siloé”, p. 64-72. Ver também OTTO, *Jerusalem*.

terno a estas águas era tampado e bem camuflado, para não ser encontrado por potenciais inimigos.¹³

Quem fosse buscar água, no final do terceiro elemento, tinha que fazer descer o seu recipiente por uma corda, haja vista que não havia mais escadas. Este último veio é chamado em hebraico de *tsinor*, uma palavra, cujo sentido por muito permaneceu desconhecido e somente foi reconhecido através das escavações arqueológicas em Jerusalém no final do século XIX e início do século XX.¹⁴

Por causa da localização fortificada da cidade e da incorporação da fonte Gion dentro do sistema da cidade, esta Jerusalém gozava naquela época da fama de ser uma cidade muito bem protegida, para cuja defesa se dizia que bastavam cegos e aleijados. A conquista da cidade jebusita, realizada por Davi, aconteceu exatamente através deste veio ou canal (*tsinor*): “Todo o que está disposto a ferir os jebuseus e suba pelo canal subterrâneo...” (2Sm 5,8). Aquilo que deveria ser o ponto forte da defesa e sobrevivência da cidade, acabou se evidenciando como o ponto fraco.

Na história posterior de Jerusalém não se tem mais notícias deste *tsinor*. Talvez tenha sido desativado por vários motivos. Fontes da segunda metade do século VIII aC indicam para um outro sistema originado a partir do aproveitamento da fonte de Gion. Trata-se das “águas mansas de Siloé”, que consistia basicamente de um canal que conduzia as águas da fonte para a parte sul da colina, originando-se daí o seu nome: a raiz *shalach* significa “enviar, mandar, despachar”.

O Siloé era um canal que começava na Fonte Gion e conduzia suas águas ao longo do Vale Cedron. Em parte estava aberto, em parte tampado com lascas de pedra para evitar acidentes, poluição, evaporação, etc. Tinha algumas aberturas laterais que podiam ser tampadas e destampadas, para levar água às pequenas plantações no lado oriental do vale. Estas plantações – canteiros ou pequenas roças – são possivelmente aquilo que a Bíblia chama de “Jardim do Rei” (2Rs 25,4; Jr 39,4).¹⁵

Apesar de seu destino para possíveis obras da elite, aparentemente também a população “normal” podia fazer uso destas águas mansas de Siloé.

As últimas décadas do século VIII aC marcam para os dois reinos israelitas (Israel e Judá) várias situações de conflitos. Por um lado, desenvolve-se a chamada guerra siro-efraimita, uma batalha entre o reino do norte aliado com os arameus e o reino de Judá para buscar frear o avanço dos assírios. Judá intentava fazer aliança com os assírios, isto é, submeter-se como vassalo a um suserano estrangeiro, enquanto que o reino de norte e Damasco buscavam um caminho bélico. Por outro

13. OTTERMANN, “As águas mansas de Siloé”, p. 65.

14. Este veio chamado *tsinor* leva na pesquisa arqueológica o nome de “veio de Warren”, em homenagem ao arqueólogo inglês que o descobriu. Veja BAHAT, Dan, *Jerusalem. 4000 Jahre Geschichte der Heiligen Stadt*. Marburg, Verlag der Francke-Buchhandlung, 1985, p. 17-19.

15. OTTERMANN, “As águas mansas de Siloé”, p. 66.

lado, a situação é marcada pela própria expansão ameaçadora dos assírios como dominadores estrangeiros na região.

Possivelmente durante a guerra siro-efraimita houve intentos de fortalecimento da própria cidade sob o governo de Acaz. Este mandou organizar um “reservatório superior” para as águas de Siloé, no sentido de procurar garantir o sistema de abastecimento de água da cidade em situação de batalha. Não se sabe exatamente quais foram as obras em questão, mas certo é que as águas da fonte Gion eram canalizadas para dentro de um reservatório na parte sul da colina-oriental, que nesta época já era habitada e provavelmente já estava incluída dentro do sistema de muros da cidade.

Estas iniciativas de proteção do sistema de defesa e de abastecimento de água da cidade pelo rei Acaz caem sob o olhar crítico do profeta Isaías. Em Is 8,5-8 pode-se ler:

Falou-me ainda Javé, dizendo: Em vista deste povo ter desprezado as águas de Siloé, que correm brandamente, e se estar derretendo de medo diante de Rezin e do filho de Romelias, eis que Javé fará vir sobre eles as águas do Eufrates, fortes e impetuosas, isto é, o rei da Assíria, com toda a sua glória; águas que encherão o leito dos rios e transbordarão por todas as suas ribanceiras. Penetrarão em Judá, inundando-o, e, passando por ele, chegarão até o pescoço; as alas estendidas do seu exército cobrirão a largura da tua terra, ó Emanuel.

Esta palavra de Isaías situa-se dentro do horizonte da proposta do profeta de que nenhuma obra de defesa seria suficiente para defender a cidade e o reino de Judá; para permanecer, deveria haver confiança exclusiva em Javé (Is 7,4-9).¹⁶ Na ótica de Isaías também estava o anúncio incondicional de que os assírios seriam o “braço estendido de Javé” (Is 10,5) para castigar Judá e assim exercer o juízo. O oráculo de Isaías possivelmente inaugura o simbolismo de comparar a invasão assíria com uma grande inundação ou dilúvio, uma imagem que será aproveitada em textos de Gênesis em épocas posteriores.

Com o avanço das ameaças bélicas, o rei sucessor Ezequias é apontado como fomentador de obras ainda mais audaciosas para pleitear um melhora da condição de vassalo do seu reino e tentar reconquistar a independência. Dentro do conjunto das obras, dentre as quais pode-se citar as fortificações dos muros, aumento das armas de guerras, insere-se o projeto do pleno aproveitamento das águas da fonte Gion dentro da cidade. Durante o governo de Ezequias constrói-se um túnel sob o monte rochoso da colina sul-oriental para conduzir as águas da fonte para o poço de Siloé livre de qualquer ameaça externa. Trata-se do túnel de Ezequias, por vezes chamado erroneamente de “túnel de Siloé”.

Este túnel tem o comprimento de 533 m, com uma inclinação de 0,5% e foi cavado iniciando-se simultaneamente pelos dois lados da colina, seguindo em curva e ori-

16. Sobre o contexto da guerra siro-efraimita e o texto de Isaías, ver o estudo de Milton SCHWANTES, “Diante do novo as coisas antigas não se mantêm”, *In*: João P. BRUECKHEIMER, *Há sinais de paz e de graça*, Blumenau, 2003, p. 172-181.

entando-se pelas camadas mais moles da rocha.¹⁷ Trata-se de uma obra de engenharia avançada para a época; no ponto de encontro dos dois grupos de trabalho, há um desnível de cerca de 70 cm e uma placa gravada na rocha immortaliza esta obra, podendo hoje ser contemplada no Museu de Istambul. Através deste túnel, as águas da fonte Gion eram conduzidas diretamente para dentro do poço de Siloé, dentro dos muros da cidade, sem qualquer ameaça externa.

Esta obra é mencionada em vários lugares da Bíblia (Is 22,11; 2Rs 20,20; Eclo 48,17), tendo no texto de 2Cr 32,20 sua formulação mais elucidativa. “Foi Ezequias quem fechou a saída superior das águas de Gion e as desviou por um subterrâneo, para a parte ocidental da Cidade de Davi”. Esta obra, bem como o conjunto de outras medidas de Ezequias, não conseguiu alterar o avanço assírio. A cidade de Jerusalém foi sitiada durante vários meses em 701, restando como uma ‘choça no meio do pepinal’; outras cidades e localidades de Judá foram devastadas pelo poder assírio. No caso de Jerusalém e Ezequias, pode-se postular até uma rendição forçada¹⁸; as crônicas deuteronomistas posteriores, contudo, elaboraram a imagem de uma retirada milagrosa. Nos períodos seguintes, Judá ficou reduzido a um estado-tronco em torno de Jerusalém e as águas de Gion através dos séculos têm o seu caminho através do túnel, de modo que qualquer pessoa que hoje visite Jerusalém pode ainda percorrer a pé o trajeto do túnel sob a rocha.

Concluindo

Fomos percebendo que na experiência do antigo povo de Israel, água é elemento fundamental. É o que possibilita a vivência de assentamentos humanos em terras semi-áridas.

Águas e chuvas são, sobretudo, bênção. Águas possibilitam a produção das roças e, assim, a dignidade do viver comunitário.

As experiências de povos vétero-orientais com águas em excesso, na forma de grandes enchentes, levam à criação de tradições e textos, nos quais a água é elemento caótico e ameaçador. Sua superação projeta-se em lutas míticas.

Na Bíblia há uma rica tradição fundante em que as águas são elemento salvífico. A própria origem da liberdade do povo hebreu é afirmada como derivado de uma ato de libertação através das águas. Também isso se expressa em várias tradições distintas.

Em muitos textos, o acesso à água se dá em situações de conflito. Interessante e ilustrativo para nós hoje é que tais textos indicam para soluções pacíficas dos conflitos, ressaltando-se, sobretudo, o direito de todos os envolvidos ter acesso digno e garantido a este líquido precioso.

No caso da apropriação das águas da fonte Gion, em Jerusalém, pode-se questionar que se trata de “projeto pretensioso” para trazer poder e fama ou que estaríamos di-

17. BAHAT, *Jerusalem*, p. 19; OTTERMANN, “As águas mansas de Siloé”, p. 70.

18. OTTERMANN, “As águas mansas de Siloé”, p. 70.

ante de uma obra que buscava a sobrevivência na lógica da busca da autonomia política diante de dominadores estrangeiros. Pessoalmente, estamos mais inclinados para a segunda possibilidade, embora se deva reconhecer que há uma certa tendência privatizante no projeto do túnel de Ezequias. No entanto, não se tem nenhuma notícia ou crítica profética de que para as pessoas residentes ou refugiadas na cidade de Jerusalém tenha havido algum tipo de restrição no acesso a esta água.

Sob o ponto de vista teológico, transparece em alguns lugares uma certa resistência com relação ao uso da tecnologia das cisternas. Há uma tendência teológica em afirmar que o próprio Deus Javé é a fonte da água viva (Sl 36,10; Jr 2,13). Tentativas de prevenir a escassez de água em autonomia diante de Javé são avaliadas negativamente. Tal perspectiva também aparece na fala de Jesus em Jo 4. A melhor maneira de entender esta resistência é perceber que se Deus é a matriz de toda a vida, a forma mais cristalina dessa expressão de fé é dizer e resguardar que este Deus é a fonte da água viva. Nisso há um claro traço democratizante. Em Deus todas as pessoas são convidadas a beber; tal fonte é gratuita e não objeto de mercantilização (Is 55,1). Assim, por este caminho pode tornar-se realidade a promessa de Jesus: “a água que eu lhe der será nele uma fonte jorrar para a vida eterna” (Jo 4,14). No mesmo espírito encontra-se a última promessa no livro de Apocalipse: “Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba *de graça* a água da vida” (Ap 22,17).

Haroldo Reimer
Rua 115 G, n. 10
Setor Sul
74085-310 Goiânia, GO
email: h.reimer@terra.com.br